

“JÁ QUE É PRA TOMBAR, TOMBEI”: REFLEXÕES SOBRE AS DINÂMICAS APRESENTADAS NOS EVENTOS DE FACEBOOK DA FESTA BATEKOO¹

Matheus Vieira Gomes Bibiano²

Introdução

Os estudos acerca de questões da negritude já não são uma grande novidade. Como afirma Muniz Sodré, “tribo, raça, etnia, cultura tradicional e expressões análogas costumam ser criadas pelo Ocidente – para denegar a existência de outras formas de Estado e de economia política – e depois impostas aos outros como se fossem instituições originais suas” (1999, p. 20). Isto posto, é preciso assimilar que nenhum signo, conceito ou “(...) valor é neutro, pois espelha as convicções e as crenças de um sistema particular” (idem, 1999, p. 15). O que certifica o aspecto culturalista da questão.

Sendo assim, compreender as relações raciais no Brasil, no presente momento, é um exercício complexo pautado nas disputas de sentido existentes nos discursos cotidianos sobre a materialidade dos corpos e os objetos de estigma (GOFFMAN, 1963) da cor. De forma estrutural, velada e enraizada, essas disputas podem passar despercebidas por aqueles que não são categorizados nestas classificações reducionistas que embalam a batalha entre claros e escuros; um discurso pautado na experiência da historicidade da formação de uma consciência política-ideológica sobre a constituição do povo brasileiro e sua identidade nacional.

Neste trabalho, procuro buscar reflexões sobre uma das práticas culturais urbanas que se encontram inseridas no contexto do que, midiaticamente, é batizado

¹ Artigo apresentado ao Painel Temático 35 - "Redes sociais e identidade", ocorrido em 09 de dezembro de 2016 do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

² Graduando em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense - UFF e orientando de iniciação científica da Prof.^a Dra. Ana Lucia Silva Enne. Contato: mabibiano@id.uff.br

como “geração tombamento”³. Mais precisamente, no contexto da festa Batekoo. Na era da sociedade da informação, reconhecer e questionar estes tópicos é imprescindível para pensar as identidades culturais da pós-modernidade e, conjuntamente, pensar as dinâmicas, interações e produções de sentido articuladas no ciberespaço.

A internet e, especialmente, os sites de redes sociais (SRSs) podem ser entendidos como elementos incorporados, corporificados e cotidianos (HINE, 2014). Ou seja, plataformas utilizadas para desenrolar processos identitários, de forma que não seja mais possível pensar a experiência *on-line* dos atores sociais de forma distanciada de sua experiência *off-line*.

A intenção aqui é questionar e explorar os usos e apropriações do site de rede social Facebook. Identificando e reconhecendo as relações entre estes atores sociais que encontram espaços para discussão sobre questões que tangem a negritude. Partindo de uma análise qualitativa desenvolvida acerca de conteúdos resgatados dos rastros digitais dos eventos no SRS.

Tendo isso em vista, analisarei as páginas dos eventos da festa Batekoo em suas edições cariocas, na intenção de desenvolver relações de divergência de percepção sobre as relações raciais no Brasil acerca das dadas experiências desenvolvidas dos indivíduos em sociedade. Embasado na crítica de Muniz Sodré em “Claros e Escuros: Identidade, Povo e Mídia No Brasil” e considerando que “a narrativa articula a nossa experiência de tempo, da mesma forma que o tempo se torna humano pela narrativa” (BARBOSA apud RICOUER, 2006, p. 1447), o trabalho se inclina em identificar a percepção do conceito de raça no panorama social brasileiro a partir de “uma categoria político-ideológico” (MUNANGA, 2013, p. 183), a apropriação deste espaço para discussões, as relações identitárias possíveis e os aspectos de performance de si online.

As redes sociais e identidade

Com a disponibilidade e acesso de múltiplas plataformas virtuais e o considerável percentual de pessoas negras inseridas nesta brecha digital⁴, também se anunciam novas vozes de reconfiguração das pautas para dentro do movimento negro neste momento. Atores sociais que tecem redes em articulação de suas múltiplas

³ O termo “tombamento”, já denunciado no título deste trabalho, neste contexto, é proveniente da canção Tombei da rapper curitibana Karol Conká e dá nome ao “movimento”.

⁴ Conceito de desigualdade no acesso à internet.

identidades num lugar em que são elaboradas e desenvolvidas possibilidades de inspiração, transposição de costumes, modos, vocabulários, hábitos, objetos de desejo, entre outros.

Assim como assegura Beatriz Polivanov, em consonância com Boyd e Ellison (2007) e Recuero (2009), “o ciberespaço tornou-se um lugar essencial para os atores sociais performatizarem suas identidades, construindo e mantendo relações sociais (que podem estar presentes ou não também no mundo *off-line*)” (2014, p. 25).

Para pensar as relações que se estabelecem nas redes de conexões dadas no ciberespaço e suas implicações com a formação identitária de atores sociais deste espaço, é preciso assimilar os impactos contínuos que essas redes afetam em seus usuários. Os sites de rede social (SRSs) não são simplesmente um simulacro ou pura representação do real. São parte integrante de uma experiência total.

É importante frisar também que estes espaços devem ser considerados como lugares efetivos. *Lugar* este, devidamente apropriado e reapropriado, onde são produzidos e reproduzidos múltiplos sentidos e suas disputas. Também é preciso desenvolver aqui que as redes sociais e os SRSs possuem conceitos divergentes. Conceitos esses, imprescindíveis para o desenvolvimento desta análise.

Segundo Recuero (2009), as redes sociais são unicamente os laços que os atores sociais constituem, seja *off-line* ou *on-line*. Já os sites de rede social são as plataformas nas quais são possíveis as interações entre os atores e suas conexões. Onde os agentes constituem perfis e interagem entre si através de conexões estabelecidas por meio de performances de gosto, laços afetivos – sejam eles, familiares, amistosos ou românticos –, posicionamentos político-ideológico, entre outros. Performances estas que fortalece as relações integradas do ciberespaço com o cotidiano.

A internet, no presente momento, pode ser considerada como um fenômeno incorporado, corporificado e cotidiano (HINE, 2014). Ou seja, entender o ambiente da internet e os espaços dos SRSs como ferramentas de continuidade, de uso diário e integrado à vida e a experiência de seus usuários.

Isto posto, considera-se que os sites de redes sociais são como suportes que possibilitam a interação da performance do “eu” para com os “outros”. Uma rede composta pelos atores sociais e suas conexões que se interpelam a partir da experiência *off-line* e *on-line* destes agentes.

Sendo assim, *on* e *off-line* são partes integrantes e retroalimentares das dinâmicas e interações possíveis entre estas as duas experiências. A ubiquidade entre

estas duas relações comprova o que Bourdieu (1997) elabora sobre uma “estrutura estruturada e estruturante”. Relação em que o indivíduo afeta e é afetado pelos campos sociais que passa e ocupa.

Em SRSs, a manipulação do *self* (GOFFMAN, 2009) – ou como propõe Beatriz Polivanov (2014), um gerenciamento do *self* – é contínua e atualizada a gosto de seu respectivo ator social. Basicamente, isto significa que os indivíduos, ao elaborarem perfis *on-line*, dispõem de um maior manuseio e controle sobre sua autoimagem na construção identitária de sua autoapresentação.

Estes perfis são constituídos nestes espaços a partir da auto-reflexividade, coerência expressiva e performance (SÁ & POLIVANOV, 2012). Três elementos base que se relacionam, respectivamente, com: 1) a possibilidade de abstração sobre si na montagem da autoimagem – a atividade reflexiva do eu, como afirma Giddens (2002); 2) a verossimilhança com a experiência *off-line* e; 3) a articulação e desenvolvimento do *self* em relação ao outro.

“(…) entendemos que os perfis pessoais em sites de redes sociais são marcados, por um lado, pela individualidade e singularidade de seus usuários – que optam por (não) publicar certos conteúdos - tais como fotos, links para reportagens, entre tantos outros - de determinados modos, como por exemplo fotos apenas do rosto no perfil, uso de certos emoticons ao tecer comentários, etc. Mas, por outro lado, também são marcados pelas afiliações dos mesmos, que podem se dar inclusive para grupos bastante numerosos e heterogêneos, como as milhares de pessoas que “curtem” determinada marca/empresa/produto cultural; e por padrões de comportamento, como o tipo de foto do perfil ou a utilização dos mesmos trechos de música ou aforismos para se definir no Orkut, conforme mostram os trabalhos de Dal Bello e Nomura (2011) e Maciel e David (2010)” (SÁ E POLIVANOV, 2012, p. 578-79).

A partir da construção da autoimagem, também é possível constituir seu próprio público, o seu grupo particular de observadores. As ferramentas de SRSs – mesmo quando inebriam os limites entre o público e o privado – se constituem de forma semipública. Ou seja, os agentes podem “escolher, em grande medida, quem será sua ‘audiência’” (POLIVANOV, 2014). De forma que seja formado um “público imaginado” de forma mais seletiva e controlada. Este “público imaginado” forma o conjunto de observadores que acompanham as atividades efetivas neste espaço.

O Facebook é um site de rede social formado de uma plataforma estruturada para as interações sociais. O site, em si, dá-se como um o suporte técnico com a função mediadora entre os atores sociais e as conexões que ele estabelece (RECUERO, 2009).

O site contempla múltiplas funcionalidades que possibilitam e demandam interação. São muitos compartilhamentos de conteúdo gerados dentro e fora do site; postagem de mensagens e fotos; textos curtos e longos; comentários que passam pelas críticas e elogios sobre qualquer tópico etc.; grupos dos mais variados interesses; transmissões de vídeos ao vivo; entre outros.

O site possui três ferramentas básicas de uso e desenvolvimento de interações: curtir, comentar e compartilhar. A primeira – que, desde fevereiro de 2016, é munida de seis reações possíveis (“curti”, “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “grr”) – permite que o usuário interaja com as publicações de forma mais reativa⁵; a segunda permite comentar em qualquer postagem publicada no site; e, por fim, a terceira permite a replicabilidade de conteúdo. A “*timeline*”, ou o “*feed* de notícias”, do site é organizada por ordem de relevância, horário, interesse e formato. É nesta “linha do tempo”, organizada, não necessariamente, de forma cronológica em que as interações se dão.



Figura 1: As reações disponíveis na função "curtir".

Recuero (2013), em consonância com Boyd (2010), explicita as “novas” possibilidades de uso das ferramentas dos SRSs:

“(...) esses sites constituem um novo tipo de público, o que ela chama de público em rede. Esse público possui propriedades que são características do digital, a saber: a) persistência, ou seja, as informações que são publicadas permanecem online; b) replicabilidade, as informações publicadas são facilmente replicáveis (e de forma idêntica ao original); c) escalabilidade, a difusão de informações pode ser escalada dentro das redes, construindo visibilidade; e d) “buscabilidade”, que é a capacidade dessas informações serem buscáveis nesses espaços. Essas mudanças refletem as formas de circulação de informação nesses públicos e ocasionam o que a autora chama de “nova dinâmica” dos contextos de interação. Essas características auxiliam a perceber os impactos das apropriações dessas ferramentas no cotidiano dos indivíduos e na circulação de informações nos grupos sociais. Uma vez publicada a informação, portanto, ela torna-se permanente, replicável, buscável e tem sua visibilidade escalada. (p. 242).

⁵ Durante o mês de maio de 2016, quando é comemorado anualmente o dia das mães, o Facebook disponibilizou a reação temporária “Gratidão”, simbolizada por uma flor de cor violeta.

Apesar dos sites de rede social atribuírem a característica de espaço semipúblico, em que se exercita um esforço de autogestão do público imaginado, as possibilidades de conflito de opinião e formulação de afetos não são necessariamente excludentes dentro das escolhas tomadas em manipulação do *self*.

O espaço da ferramenta de eventos do Facebook, explicita essa condição. No momento da criação do evento, a ferramenta possui duas condições possíveis de privacidade, o evento privado e o evento público. A primeira permite que apenas pessoas convidadas possam acessar estas informações, a descrição do evento, suas fotos, vídeos e publicações no mural. Também é possível controlar quem pode ou não convidar outras pessoas para este evento privado; a segunda, permite que qualquer usuário do SRS acesse as informações contidas naquela página. Permite também que pessoas convidem outros usuários e que compartilhe o evento na sua *timeline*. Em ambos os casos, uma vez criado o evento, não é possível alterar essas determinações previamente escolhidas.

Uma vez que esta página está pública e qualquer um pode acessar estas informações de forma livre e pública – bastando apenas estar devidamente cadastrado no site –, não se faz possível manter o máximo de controle sobre estas informações ou sobre quem possa vir a ter acesso a elas. Sendo assim, a formação de um “público imaginado” neste espaço, em específico, é constituída de forma complexa e mais irregular do que a dada nos perfis pessoais e nos eventos privados.

Nessas condições, é possível dar um nome ao evento, por uma descrição curta ou longa, adicionar ou omitir o local do evento, adicionar uma data, o endereço e o nome do espaço onde ocorrerá efetivamente o evento.

Passando da etapa anterior, temos talvez o próximo passo mais importante da ferramenta: os convidados. A partir as diretrizes estabelecidas na escolha do tipo de privacidade escolhida na criação do evento, pode-se determinar quem é convidado a estar presente no acontecimento em si. É muito comum que os organizadores das festas mantenham um perfil utilizado apenas para as atividades da festa. Por isso, são eles os primeiros a convidar o público a saber que a festa vai acontecer. Junto a eles, temos os *promoters*, DJs, entre outros – eles também o poder de espalhar a informação. Os convidados também podem convidar outras pessoas para o evento e compartilhar em sua *timeline* ou via *inbox*⁶ informações básicas do evento.

⁶ *Inbox* ou *Messenger* é o recurso do SRS Facebook que permite que os usuários enviem mensagens instantâneas de forma privada.

Partindo disto, os convidados podem reagir a este convite. O Facebook possibilita três opções de reação: 1) “Tenho interesse”: opção que pode ser compreendida como um “talvez”, exatamente como era possível anteriormente no SRS. Também exprime a potencialidade de um comparecimento, uma forma de se certificar de que é possível ou não comparecer ao evento; 2) “Comparecerei”: opção em que o convidado confirma presença e certifica de que irá ao evento – mesmo que este convidado não compareça de fato e; 3) “Ignorar”: opção que confirma desinteresse naquele evento. O convidado pode recusar o convite e não cometer o inconveniente de dizer que realmente não irá comparecer.



Figura 2: Opções de reações possíveis ao convite.



Figura 3: Opções da seção "Compartilhar" no eventos do Facebook.

Com todos estes convites adquiridos de diferentes formas possíveis, estas páginas podem não receber devidamente o público-alvo que, inicialmente, foi pensado para o evento. É exatamente neste contexto que se dão os conflitos internos e externos. O que não significa, necessariamente, que não possa ser possível ocorrerem casos de choques de opinião, conflitos e disputas semânticas entre atores sociais que performatizam seus *selves* “adequadamente” com o esperado do público-alvo. Esta é uma das questões que serão elaboradas nos próximos tópicos deste trabalho.

As páginas de eventos da festa Batekoo

A festa Batekoo – que surge pautada em uma emergência da busca por representações justas (HALL, 1992) –, é um evento que “promete estremecer a cena de festas para o público negro” é uma produção independente que aparece em Salvador/BA, em 2014. A ideia surge de uma festa de despedida promovida por

Mauricio Sacramento e Wesley Miranda na ocasião em que um dos produtores estava se mudando para a cidade de São Paulo.

Tomo aqui – ainda partindo de uma perspectiva precária (por falta de referenciais) – que este “movimento” possa ser considerado como uma “faceta” de autoafirmação identitária e *empoderamento* da estética e do discurso negro que se articula através de diversas formas de consumo e identificação acerca destas identidades negras que transbordam para além da identidade nacional brasileira.

*“Eu queria que os pretos ocupassem e que a festa fosse feita por um preto, então aproveitei que não tinha festas alternativas voltadas ao público jovem e negra/periférica/LGBT (...)”*⁷, assim descreve Maurício Sacramento a iniciativa que parte do panorama de emergência por espaços de lazer mais seguros e acolhedores para o público negro e LGBT⁸.

O evento, por si, declara-se um espaço “racializado”. Um espaço explicitamente destinado à população negra na interseccionalidade⁹ LGBT, que não se sente contemplada por outros espaços que os preterem e os excluem. Além de assumir seu posicionamento contra situações de racismo, misoginia, homofobia e transfobia¹⁰, aspecto que é incansavelmente descrito em todas as páginas dos eventos no site de rede social, Facebook.

Escolhi como objeto de análise a edição carioca do evento devido à maior proximidade dos eventos para a realização da pesquisa e a maior possibilidade de encontro com os informantes utilizados para a composição deste trabalho. Não julguei necessário criar um perfil de pesquisador para fazer esta análise, uma vez que o meu corpo e a minha performance enquanto homem negro, atribuem um elemento de aproximação imprescindível com a questão. Atentei-me nas páginas dos eventos das cinco primeiras edições da festa para estabelecer padrões de discurso.

⁷Fragmento da entrevista de Mauricio Sacramento para o jornal Estadão. Matéria disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento.batekoo-marca-o-fortalecimento-do-movimento-negro-no-brasil.10000058909>>

⁸ A sigla LGBT significa Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. Como também aparece em outras aglutinações como LGBTTQ ou LGBTTQA+

⁹ Conceito sociológico, criado por Kimberlé Williams Crenshaw – professora especializada em questões raciais e gênero –, que estuda as interações nas vidas das minorias sociais e que considera a sobreposição de dois ou mais categorias ou formas de subordinação pautadas no sexismo, na raça e no patriarcalismo. Fonte: Portal Sociologia.

¹⁰ Formas de discriminação, repúdio, discurso de ódio e intolerância contra pessoas transexuais, travestis e transgêneros.

No início da confecção deste trabalho, ao observar a *fanpage* da edição carioca – que é a terceira maior em número de curtidas, perdendo apenas para as páginas das edições de Salvador e da cidade de São Paulo –, a descrição da festa era a seguinte:

“Produção independente que promete fazer todos os presentes dançarem muito ao som de ritmos black como hip hop, rap, funk, R&B, twerk, kuduro, dentre outros. A proposta é que seja uma festa democrática, livre de preconceitos com ritmos e que todo mundo se divirta muito e quebre até o chão, até as pernas dizerem CHEGA! Lembrando que o inconveniente é ficar parado”.

Apesar da descrição amistosa, atualmente a *fanpage* conta com uma descrição um tanto mais inclinado para as questões da corporalidade negra e debates acerca de tópicos de fortalecimento do movimento negro a partir de espaços culturais. Como pode se observar abaixo:

“Movimento que se expressa através da dança, da música, do corpo, da pele preta, do suor, da liberdade corporal e sexual, da cultura negra, periférica e urbana, do empoderamento coletivo e representatividade preta dentro de qualquer espaço”.

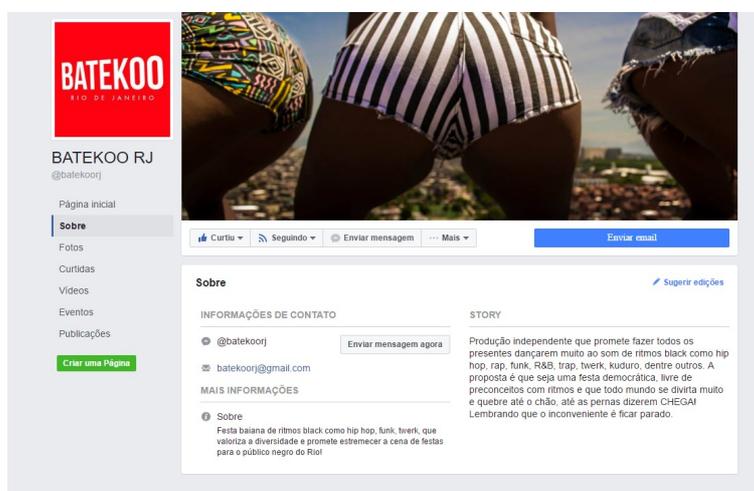


Figura 4: print da *fanpage* da edição carioca com a descrição anterior do evento.



Figura 5: print da fanpage da edição carioca com a descrição atual.

Não se sabe ao certo o porquê da decisão da mudança da descrição do evento. Entretanto, tendo em vista o que foi explicitado acima, a mudança condiz com o que um dos informantes que entrevistei que chamarei de J. (DJ residente do evento) confirma:

“Eu me sinto muito feliz na maior parte das vezes, mesmo achando que a batekoo moveu e modificou muito a forma como festa. Política e questões relacionadas a etnia se fundiram num só cenário. Acho que a gente dá alguns outros passos para o futuro”.

Quanto ao público, a festa inclina-se a abrir espaço para jovens negros de diferentes classes sociais, desde os que pouco podem garantir o dinheiro para a passagem aos que pouco se preocupam com a conta bancária. Os gêneros musicais que a própria festa se propõe a tocar são majoritariamente de ritmos negros como “hip hop, rap, funk, R&B, trap, twerk, kuduro, dentre outros”.

Desde 2014, até então a produção cresceu e surgem as edições nas cidades de São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Belo Horizonte/MG, Brasília/DF e Fortaleza/CE. Com a criação destas ramificações pelas capitais brasileiras, o evento se articula como uma cena translocal que incita práticas musicais que transcendem as relações entre o local e global a partir da criação de uma cena virtual que se articula como parte da experiência da cultura musical, onde o local mobiliza e modifica a concepção do evento.

A Batekoo não pode acontecer da mesma forma no Rio de Janeiro, como acontece em Salvador. Da mesma forma que, a festa importa estilos musicais estrangeiros de outras realidades e vivências negras, como o kuduro – gênero musical e de dança angolana – e o twerk, estilo de dança desenvolvido em New Orleans, EUA e influenciado por danças de tribos da África Subsaariana.

A primeira edição carioca do evento foi realizada em abril de 2016, na boate Antonieta, na Lapa, Centro da cidade do Rio de Janeiro. Até o presente momento, foram realizadas mais 12 edições do evento. 11 destas cobriram o circuito da região central, portuária e a zona norte da cidade do Rio e 1 edição cobriu a Baixada Fluminense, no município de Nova Iguaçu. Aconteceu também uma edição especial na EECUN (Encontro Nacional de Estudantes e Coletivos Universitários Negros). Para o comparativo, analiso as cinco primeiras edições realizadas na cidade do Rio de Janeiro.

O circuito das edições do evento é diversas vezes criticado. Existem alguns casos de pessoas pedindo que a festa “vá à favela” e que vá para os morros do Rio de Janeiro, onde a concentração de pessoas negras é maior, segundo alguns depoimentos encontrados nos eventos.

Os ingressos variam de acordo com o horário: nas cinco edições analisadas mais atentamente, das três em que era necessário adquirir um ingresso, todas custavam 15 reais até 00h, R\$20, até às 01h e R\$25 de 01h em diante. Um valor que é, teoricamente, reduzido, mas ainda dificulta o acesso de pessoas socioeconomicamente mais vulneráveis. Uma camada social que abarca boa parte do público-alvo do evento. Também era possível adquirir os ingressos através de uma compra *online* no site *Symppla.com*.

Antes da chegada da Batekoo, a cidade do Rio de Janeiro já contava com um circuito de festas em “celebração da cultura negra” que “simpatizam” com a causa, mas que, nem sempre são efetivos na inclusão de pessoas negras. Alguns desses espaços culturais já foram marcados por acusações de racismo¹¹. A festa Black Santa se descreve como “o evento que virou movimento. #MAIORBAILEBLACK”; a Puff Puff Bass diz ser influenciada pela cultura do *hip hop*; o Heavy Baile, produzido por Léo Justi (homem branco), atribui a “identidade de favela” e também se declara um “espaço pra preto”.

Há também o caso da página no site Tumblr¹², “A festa mais racista da cidade”, que vem a ser um dos pontos de destaque da questão. Na página, encontra-se uma carta aberta aos organizadores das festas “Nigga High As Shit” e “Hey Nigga” em que, em

11 Em racismo, compreende-se uma sobreposição hierárquica entre “raças”. Ocasião e aspecto estrutural de sociedades ocidentais em que o “branco” se encontra privilegiado em instâncias socioeconômicas, midiáticas e políticas sobre grupos minorizados (pretos, pardos, asiáticos etc).

12 Carta completa disponível em:

<<http://afestamaisracistadacidade.tumblr.com/post/105169834562/carta-aberta-aos-organizadores-das-festas-nigga>>.

seu primeiro parágrafo, afirma que “a palavra “nigger” (ou, como nos nomes das festas, “nigga”) era uma forma derogatória que senhores de escravos se referiam aos negros durante a escravidão nos Estados Unidos com o objetivo de desumanizá-los”.

Neste caso, a página atua na prerrogativa de uma denúncia ao racismo, a apropriação cultural, deslocamentos de sentido de uma cena cultural – também política e social – e ao uso degenerativo da palavra “nigga” ou “nigger” que, segundo a autora da página, na “boca de pessoas brancas, a palavra continua sendo uma ofensa racial seríssima”. Na carta também estão expostas críticas aos *flyers* desses eventos que trazem uma alusão à criminalidade:

“Os flyers fazem alusão a fitas de isolamento, associando a cultura negra com criminalidade. Em uma descrição da festa HEYY NIGGA, lê-se ‘...nosso maior crime é a diversão! Nós vamos roubar seu domingo! No comando do crime (...)’. Ora, o que você quer dizer com isso, cara pálida?! Todo negro é criminoso?”.

Ao fim da repercussão da carta aberta com a merecida denúncia, a organização de ambas as festas se pronunciaram e adotaram outros nomes em seus eventos.¹³

A festa Batekoo, como já descrito acima, se destaca desses outros casos destacados aqui por ser um evento produzido por “pretos para pretos”. Quadro confirmado por J., 25 anos – uma das informantes – em uma das entrevistas: “*é uma das festas, se não a única, que o público não é em maioria branca*” e também por I., 20 anos, que ainda ressalta a presença considerável de pessoas negras LBGT: “*Ao frequentar o evento é nítida a presença hegemônica de lgbtt's periféricos, cada um com seus corres e suas questões a serem enfrentadas, mas todos com vivências semelhantes em função do racismo*”.

I., 20 anos, que já participou de quatro edições do evento, comenta também que, em sua opinião, a festa “*diminui a incidência da sensação de inferioridade ocorrente em ambientes de supremacia branca, e o surgimento/reprodução de uma estética de jovens negros que, conscientemente ou não, levam em seus corpos resistência*”. Entretanto, também ressalta uma crítica à produção e à alguns frequentadores:

“(...) embora seja um evento de preto para preto e traga consigo uma forte representatividade, me incomodo com algumas ações. Uma delas é a constante exposição de apenas uma parcela dos frequentadores da festa, onde geralmente os fotógrafos buscam as mesmas pessoas para serem fotografadas nos eventos:

¹³ Estes são eventos de casos de racismo e apropriação cultural dos quais não me aprofundarei aqui neste trabalho.

difícilmente vemos nos álbuns das edições pessoas em transição capilar, com vestimentas mais básicas ou pessoas que não sejam conhecidas nas redes sociais.

Além disso, como na maioria dos espaços, existem os GGG's¹⁴ que se dizem empoderados e "tombadores", mas ao invés de incluírem pessoas novas, as olham com ar de superioridade, podendo criar até um ar de competitividade de looks e afins. Mas tudo isso se torna pequeno quando estamos juntos, dançando, rindo e na energia boa que é estar num lugar repleto de gente preta".

Sendo assim, sugere que a seleção das fotos e das pessoas a serem fotografadas parte de princípios estéticos que delimitam quem está nos parâmetros agradáveis de "apreciação". Partindo disso, é possível entender a relevância do que é trazido para o ambiente *on-line* da experiência *off-line*. E também compreender a complexidade da gestão de imagem que é elaborada para o evento.

Um ponto interessante é o enquadramento do evento com a questão da "geração tombamento", citado algumas vezes por um dos informantes. Para entender um pouco sobre o assunto, utilizo alguns dados coletados no formulário¹⁵ *online* aplicado em junho de 2016. Durante os três dias em que foi possível responder as perguntas, foram coletadas 166 respostas.

Muitas das respostas se chocam em divergências de compreensão a partir de aspectos demográficos, principalmente entre as diferentes faixas etárias, suas expressões de gênero e sexualidade. Para a tessitura deste argumento, seleciono aqui, em amostra, algumas respostas de destaque à seguinte pergunta: "*Você já ouviu falar da "Geração Tombamento"? Se sim, o que você entende sobre isso?*"

S. de 20 anos respondeu: "*Sim. Estética de jovens negros que também estão por dentro do movimento negro. Agitam cenas culturais além de manter diálogos em seus círculos sobre o movimento negro*". Já L., 19 anos, acredita que o movimento seja formado por "*uma geração de pessoas negras que são mais conscientes das pautas do movimento negro e que, de alguma forma, estão engajadas na busca dessas reivindicações*". Enquanto que para F., 40 anos descreve como: "*Pessoas mais jovens que exprimem sua aparência e sexualidade fora das normas da sociedade*".

A partir dessas respostas é possível compreender que ainda não existe uma elaboração consensual sobre o assunto. A maioria dos consultados acreditam que exista

14 Gíria comum entre pessoas LGBTs para designar homens gays totalmente inseridos num "padrão".

15 Os resultados e a análise do formulário supracitado poderão ser encontrados em publicações futuras.

uma esfera de relações de autoafirmação positiva da estética negra que flerta com instâncias do movimento negro de base acadêmica. Mas também com as camadas de acesso à cultura pop e uma insurgência de necessidades representativas que emergem no ciberespaço.

Este cenário conversa com o que Hall (2014, p. 15) sugere que “todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas”; confirmando a existências de compreensões plurais dentre as dinâmicas internas. Um aspecto interessante e relevante para a construção da presente argumentação.

BATEKOO RJ @07/5: O evento e suas dinâmicas

Para efeito de análise neste trabalho, centro as atenções às publicações da 2ª edição do evento¹⁶, ocorrida no dia 07 de maio de 2016, também na boate Antonietta. A escolha desta edição foi pensada acerca da quantidade considerável de publicações e argumentos que melhor sustentam esta análise. Dentre as cinco primeiras edições organizadas na cidade do Rio, a 2ª edição se destaca pelo engajamento no espaço do evento online (1.174 publicações) e maior número de perfis confirmados (2,8 mil).



Figuras 6 e 7: Print da página principal do evento com trecho da descrição.

Nas dinâmicas realizadas nas publicações do evento, criei três categorias de classificação em relação a cronologia do evento: 1) Pré-evento: postagens apresentam um caráter de “aquecimento”; uma preparação para o evento que inclui sugestões de músicas, mudanças de dinâmica do evento e comentários ansiosos com a ida ao evento.

¹⁶ Link para a página do evento: <<https://www.facebook.com/events/1377745118913162/>>

2) Durante o evento: postagens que atestam e confirmam a realização do evento durante ele mesmo, como fotos e chamadas públicas para o público. 3) Pós-evento: postagens acrescentam um caráter mais crítico sobre a ocorrência em si do evento: elogios, críticas, apontamentos e debates.

Entrando no contexto das postagens da terceira classificação do estado do evento – parte de efetiva participação do ambiente da página do evento no Facebook –, é preciso entender o contexto do que ocorreu naquela noite. Segundo algumas publicações coletadas, o grupo *Afrofunk*, que se apresentou naquela noite de 07 de maio, pediu um minuto de silêncio em respeito e homenagem às vidas pretas perdidas no genocídio negro. A confusão deu-se por conta de um grupo de pessoas, identificadas como brancas, que se recusaram a acatar este pedido.

A partir daí, no ambiente *on-line*, após o evento, os frequentadores negros começaram a deliberar se brancos deveriam ou não ser permitidos no evento. Uma vez que este é um ambiente declaradamente destinado para pessoas negras.

Foi deliberada também, em certas publicações da edição no Facebook, a cor de uma das frequentadoras do evento. De um lado, os que a acusavam de “branca”, clamavam que o discurso tomado por ela não a contemplava de pronto. Do outro lado, os que defendiam a sua negritude, se embasavam em sua ancestralidade e histórico familiar. Este embate põe em xeque a questão do colorismo.

O colorismo, ou pigmentocracia, aqui encaixa como um fator complicador do entendimento sobre o que é e o que deixa de ser negro. Segundo esta teoria, o quanto mais clara a cor da pele, menor será a discriminação sofrida por esta pessoa, ao passo que, o quanto mais escura a cor da pele, mais discriminação sofrerá esta pessoa. Este é conceito que racha opiniões e propicia debates sobre limites do corpo, onde ele se encaixa e se desloca, ponto em que se instala a questão da passibilidade. Ou seja, a diferenciação de tratamento e acesso de pessoas negras de pele mais clara por conta do discurso colorista.

Nem todas as publicações concentradas na página eram de frequentadores efetivos dos eventos. Muitos usuários visitavam a página e decidiam fazer comentários sobre o ocorrido. Por vezes, a real motivação do desenrolar das discussões passava despercebida, e daí em diante desenvolviam outras questões.

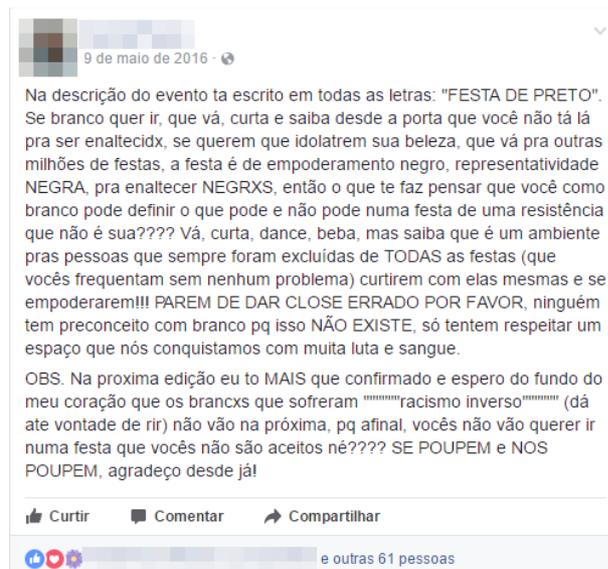


Figura 8: Depoimento de um dos frequentadores sobre a presença de brancos na festa.

Durante boa parte das interações dadas nas “discussões” do evento, havia uma grande quantidade de uso de memes. Muitos relacionados a situações em que as questões raciais são levadas em conta. O “humor” e a construção de sentido desses memes, no caso das imagens de conotação racial, coloca o que se entende como “branco” em uma posição ridicularizada. Quadro que provocou reações negativas nas pessoas que se identificam com a branquitude.



Figura 9: Exemplo de meme utilizado no evento

Haviam também, casos de publicações com uma inclinação mais confessional, em que é possível encontrar depoimentos sobre vivências de situações de discriminação racial. Como no exemplo abaixo, de uma menina negra de 19 anos:

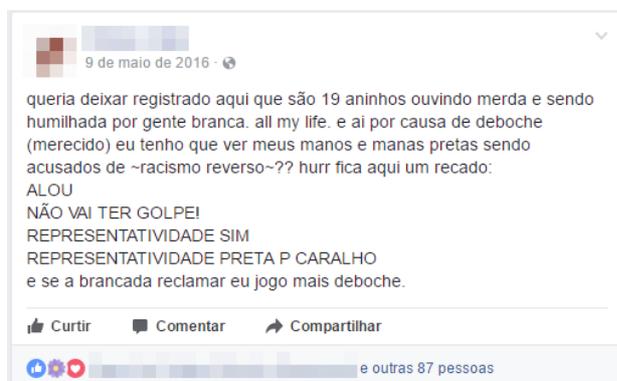


Figura 10: Depoimento de uma das frequentadoras.

As acusações de “racismo reverso” foi um dos termos mais citados e comentados dentre as publicações. Vale lembrar que estas acusações consideram uma falsa simetria entre as relações raciais entre brancos e pretos, claros e escuros. Houveram alguns casos mais radicais de violência simbólica e racismo efetivo por parte de pessoas brancos dentre os comentários, como pode ser visto abaixo em uma postagem-denúncia feita na página:

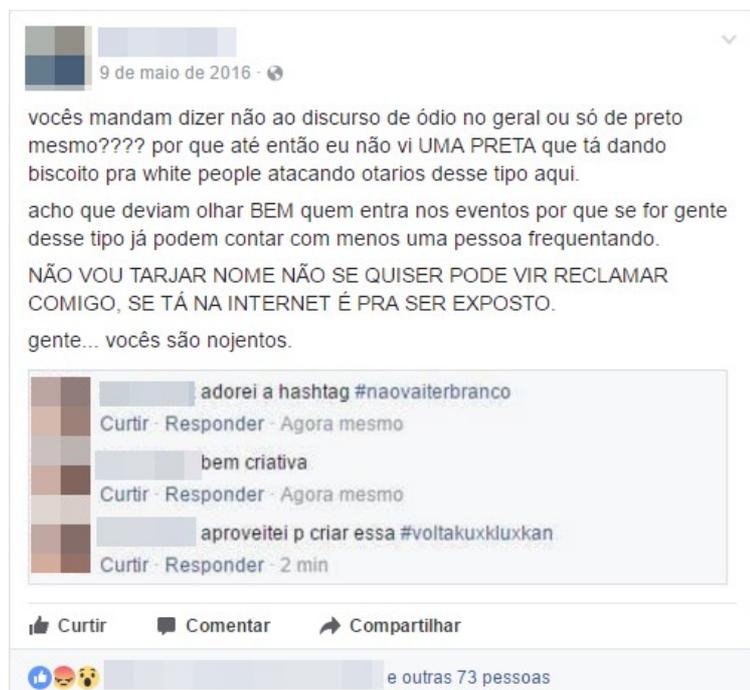


Figura 11: Depoimento de denúncia da hashtag de cunho racista.

Como é possível observar, o usuário sugeriu a volta da KKK (Ku Kux Klan), o movimento reacionário e extremista que defende a supremacia branca, o nacionalismo e a anti-imigração nos EUA.

Este mesmo usuário que propôs o levante da hashtag “#voltakuxkluxkan” recebeu uma série de críticas e foi devidamente denunciado pelas ações racistas no ambiente *on-line*. Ele ainda chegou a promover ameaças a outros usuários negros que o denunciaram e discutiam a sua possível retaliação no evento:

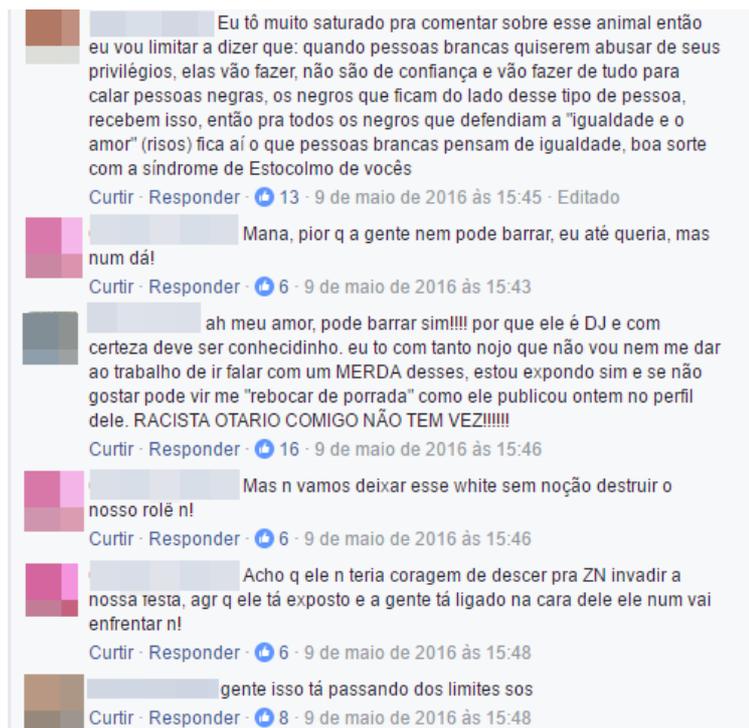


Figura 12: Comentários sobre a denúncia da hashtag de cunho racista.

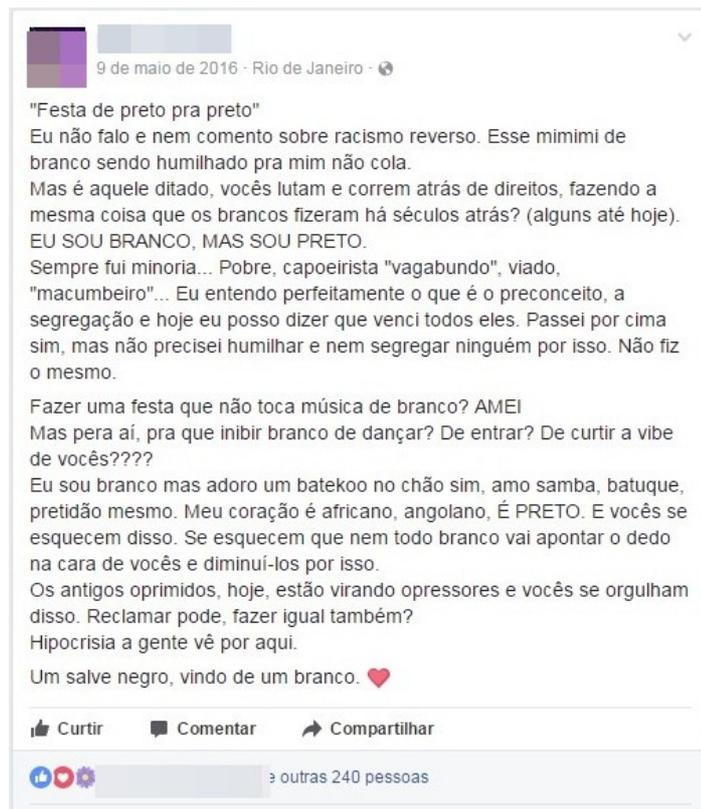


Figura 13: Depoimento de um dos frequentadores brancos.

A respeito do exemplo acima, ser negro não faz mais sentido no campo pigmentocrático, colorista, fenotípico ou material. Ser negro funciona como uma gama de estereótipos ligados à imagem de pessoas de pele escura articulados no campo da cultura. Aqui dá-se um efeito “empático” de identificação com a historicidade do negro brasileiro. Este quadro muito se aproxima do que Liv Sovik afirma sobre o discurso da mestiçagem no Brasil – o quadro em que é possível estar inserido em qualquer cultura presente nos limites do país, seja lá qual for a cor ou etnia do indivíduo que se apropria.

Nesta argumentação, quando o autor do depoimento, que declaradamente se identifica como branco, se pergunta porque os “pretos” estão “*fazendo a mesma coisa que os brancos fizeram há séculos atrás?*”, ele concorda que se as relações raciais existentes são dadas e articuladas de forma simétrica e irrestrita. Um discurso que crê que pessoas que se encontram em subordinação social não possam reagir à estas ações, reações e discursos que as prejudicam e as reduzem.

“*Sempre fui minoria... Pobre, capoeirista, “vagabundo”, viado, “macumbeiro”... Eu entendo perfeitamente o que é o preconceito, a segregação (...)*” Nesta frase, ele apresenta incoerências discursivas que evidenciam a deficiência do entendimento sobre as relações raciais no Brasil. O autor deste depoimento justifica a

sua empatia gerando e aproximando a questão do racismo em outras categorias de estigma social, cultural e de cor: “*Um salve negro, vindo de um branco*”

Considerações finais

A partir da análise desenvolvida acima, ainda que de forma parcial, foi possível identificar os usos e apropriações de ferramentas do SRS Facebook. Mais especificamente, a ferramenta de eventos. Desta forma, pode-se assimilar que o espaço alimentado nesta rede social possibilita formas de interação de diversas direções e que atribuem diferentes usos. Um espaço onde foi/é possível o fomento de debates, propõe reflexões e explicita relações de poder.

A disputa de sentidos é declarada nesse espaço, onde se expressa a auto-reflexividade (GIDDENS, 2002) e a autoapresentação (GOFFMAN, 2006). Claros e escuros deliberam suas vontades de verdade (FOUCAULT, 2014) na medida em que se chocam diferentes realidades e assimilações para com o mesmo tópico, na busca do *lugar* adequado para si e seu respectivo campo da representação.

A apropriação e o uso destes espaços virtuais – um espaço que vimos que é preciso ser considerado como um lugar efetivo de interação –, aglutina diferentes realidades onde se articulam diferentes performances acerca da percepção e concepção das classificações de “raça” e “etnia”.

Dado os fatos ocorridos durante o evento, foi possível a identificação de uma emergência de um ambiente de discussão para questões que talvez antes não foram imaginadas. Aconteceram ali o debate acerca do conceito de colorismo, deliberações sobre corpos e deliberações sobre as ações de direitos de acesso e a deturpação das concepções de segregação racial. Quem entra, quem fica e quem sai. O ambiente possibilitado expõe maneiras de violências simbólicas, formas de suavização do racismo e atividades de ciberativismo (ELIN, 2003).

Foi possível compreender que existem desnivelamentos de poder (FOUCAULT, 2014) nas formas discursivas deste ambiente. Com isso, realocam-se os sentidos e os usos primários da ferramenta, possibilitando assim uma expansão de deliberações sobre o que o corpo expressa nos discursos divergentes sobre ser ou não ser negro; quem é e quem deixa de ser negro.

A identificação, caracterizada por Muniz Sodré (1999) como um “processo constitutivo, por introjeção de identidade estruturada” (p. 34), foi um aspecto importante

para que fosse compreender as assimilações feitas por frequentadores e debatedores do evento identificados como brancos. O discurso da mestiçagem no Brasil transpõe esta realidade.

Este discurso implica que "os brancos são irrelevantes" (SOVIK, 2005). A cultura popular e o esforço das cadeias midiáticas em reforçar a vendagem de um país que tem suas identificações e instâncias da cultura popular pautadas na miscelânea, na mistura de cores e fenótipos, inebria a luta por representação das identidades negras.

O privilégio socioeconômico, político, educacional, cultural e emocional da branquitude – uma ideia estrangeira da formação populacional brasileira – dificulta o entendimento do racismo num país onde as cores se dissolvem entre as fronteiras do que é e o que deixa de ser. A identidade construída acerca da subordinação da cor no Brasil é confundida com a herança histórica e cultural negra.

Sendo assim, o ambiente dos sites de rede social não apenas delibera debates e discussões e flexiona a relação de seus agentes com o espaço-tempo, como também transpõe as estruturas e hierarquias de subordinação racistas e seus estigmas adquiridos, introjetados e desenvolvidos através de esquemas verticais experimentados nas relações *off-line*. Fruto de uma estrutura que transparece inconsciente, mas que se mantém presente no cotidiano de formação dos sujeitos¹⁷.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer à Melina Santos pelos abraços, pela força e pela orientação na realização deste trabalho. Agradeço também à Prof^a Ana Enne pelas recomendações, a minha mãe por estar sempre no apoio, ao Caio Melo da Silva pela paciência e pela parceria diária. Por fim, à UFF pelo financiamento desta pesquisa.

Palavras-chave: identidade; redes sociais; raça; performance; cenas musicais.

Referências bibliográficas:

BARBOSA, Marialva. O filósofo do sentido e a comunicação. Revista Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 139-149, jan. /jun. 2006.

ELIN, Larry. 'The radicalization of Zeke Spier: How the Internet contributes to civic engagement and new forms of social capital'. In: MCCAUGHEY, Martha e AYERS, Michael D. (org.). *Cyberactivism: online activism in theory and practice*, p. 97-114. New York, Routledge, 2003.

¹⁷ Todos estes tópicos de análise serão revisitados e complementados em outras oportunidades de análise.

FOUCAULT, Michel. Ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Vol. 24, São Paulo, Edições Loyola, 2014.

_____. Aula de 17 de março de 1976 In: Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 3ª edição. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. Revista Educação e Pesquisa. USP São Paulo, v. 29, n.1, p. 93-107, jan/jun. 2013.

HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura popular negra?, p. 335-349. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. 1. ed. atual. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2009.

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro, Lamparina, 2014.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia, p. 11 – 27. In: Campanella, Bruno e BARROS, Carla (org.); Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro, E-papers, 2016.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. In: Curso EREER Cadernos Penesb volume 12, 2ª Edição. Niterói, EDUFF, 2013.

RECUERO, Raquel; SOARES, Priscila. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. Galaxia (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

SÁ, Simone Pereira e POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais, p. 574-596. In: Revista Contemporânea, comunicação e cultura - v.10 – n.03 – set-dez 2012.

SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1999.

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e *media* no Brasil. p. 363-386. In: Vron Ware (org.). Branquitude: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

_____. Por que tenho razão: Branquitude, Estudos Culturais e a vontade de verdade acadêmica. In: Revista Contemporânea, vol. 3, nº 2, p. 159-180. Jun/dez, 2005.

POLIVANOV, Beatriz. Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais: Estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Rio de Janeiro, Multifoco, 2014.